

O nome de lugar: possíveis sentidos atribuídos aos topônimos de povoados de Alagoas

Names of places: possible meanings attributed to toponyms of villages in Alagoas

Pedro Antonio Gomes de Melo*
petrus2017@outlook.com
Universidade Estadual de Alagoas

RESUMO: Este artigo objetiva discutir as origens línguo-culturais dos nomes oficiais atribuídos aos povoados pertencentes à cidade de Palmeira dos Índios/AL, bem como apresentar uma análise toponomástica, em perspectiva sincrônica, sem prejuízo das considerações diacrônicas pertinentes. Filia-se à área dos estudos de Descrição Linguística, em interface com a Toponímia. Após as análises dos dados, atestou-se a ocorrência de taxes toponímicas, tanto de natureza física como de natureza antropocultural, relacionadas às motivações destes nomes próprios na função toponomástica. Quanto à etimologia e às estruturas lexicais, registrou-se a presença de elementos específicos simples, específicos compostos e compostos híbridos, sendo os topônimos específicos compostos de étimos latinos os mais recorrentes. E ainda, identificou-se que a religiosidade e as características da constituição mineral do solo da região de Palmeira dos Índios/AL, na qual o signo toponímico em processo denominativo está inserido, foram os fatores sócio-históricos condicionantes mais relevantes nas escolhas lexicais dos nomes.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Léxico. Signo toponímico. Palmeira dos Índios.

ABSTRACT: This article aims to discuss the lingual-cultural backgrounds of the official names given to the villages that belong to the city of Palmeira dos Índios/AL and to present a toponymic analysis from a synchronic perspective without any detriment to relevant diachronic considerations. This study is in the area of Linguistic Description, interfaced with Toponymy. After the analysis of the data, we found the occurrence of toponymic taxes, both of physical and antropocultural nature, related to the motivations of these proper names in toponymic function. As for the etymology and lexical structures, there was the presence of simple specific elements, specific compounds and hybrid compounds. The most recurrent, however, were the names of places from specific Latin-etyma compounds. Moreover, we found that religiosity and the characteristics of the mineral soil constitution of the region of Palmeira dos Índios/AL, in which the toponymic sign in denominative process is inserted, were the most relevant social-historical conditioning factors for the lexical choices of the names.

KEYWORDS: Linguistics. Lexicon. Toponym. Palmeira dos Índios.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal de Alagoas e doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá, é professor da Universidade Estadual de Alagoas.

Introdução

Ao nomear os povoados, constitui-se um recorte lexical toponímico em termos de sua funcionalidade descritiva ou narrativa, estabelecendo uma conexão línguocultural entre a localidade e o nome a ela atribuído, em que as partes formam um todo representativo. Assim, língua e cultura, em processo simbiótico, fundem-se na materialidade destas unidades lexicais.

Nesta perspectiva, cultura é compreendida como um conjunto de tradições, conhecimentos e práticas individuais e sociais, projetados na língua de um povo, bem como o ato de nomear lugares como atividade significativa ao homem como forma de entender a realidade circundante. Essa prática verbal é dinâmica, culturalmente constituída e socialmente situada. Daí o interesse de refletir, neste artigo, como o homem, alocado num dado espaço físico de Alagoas, cidade de Palmeira dos Índios, tendo a sua disposição várias possibilidades de escolhas lexicais, designou os povoados constitutivos desse município do agreste alagoano.

Estas escolhas toponímicas podem representar uma projeção aproximada do real e evidenciar a realidade do ambiente físico e antropocultural da região na medida em que revela características da vegetação, da fauna, das condições de solo e relevo, como também crenças, ideologias, fatos sócio-histórico-culturais e linguísticos, implicados conjuntamente na constituição dos sentidos. Em outros termos, Melo (2016, p.43) ressalta que:

Os estudos toponímicos compõem um caminho para o conhecimento de modo de vida das comunidades linguísticas que ocuparam um determinado ambiente geográfico, histórico e cultural, no momento que um sujeito-nomeador determina um nome a um acidente humano ou físico revelam-se aí, tendências sociais, políticas, religiosas, culturais, entre outras.

O recorte denominativo que constituiu o *corpus* deste estudo foram sete topônimos, inventariados junto ao Banco de Dados do IBGE (2015) que, de acordo com o Censo Demográfico de 2010, correspondem à totalidade dos nomes de povoados pertencentes à referida unidade político-administrativa municipal de Alagoas.

Quanto às questões teórico-metodológicas, filia-se aos estudos de Descrição Linguística em interface com a Toponímia. Foi utilizada, além de estudos

bibliográficos, a pesquisa de campo por meio de entrevistas orais¹ a moradores mais antigos das localidades, que corroboraram as análises diacrônicas dos fatos toponomásticos.

Por fim, destaca-se que o léxico geral é objeto de interesse de pesquisadores das áreas de Letras e Linguística no Brasil, em correntes diversificadas, quer diacrônicas, quer sincrônicas, como também se registram estudos sobre a Toponímia Brasileira na literatura linguística contemporânea. Pode-se afirmar que há, ainda, poucas investigações sobre o léxico usado em Alagoas, sobretudo o léxico toponímico. Dessa forma, infere-se que a origem dos nomes dos povoados alagoanos é um tema que ainda não recebeu suficiente atenção, justificando-se, assim, a relevância desse texto.

1 Palmeira dos Índios/AL e seus povoados: situando o universo da pesquisa

A cidade de Palmeira dos Índios está localizada na Mesorregião geográfica do Agreste Alagoano, situada na Microrregião geográfica de Palmeira dos Índios em Alagoas. Considerada um dos mais importantes municípios do estado, sendo o terceiro em população, tem sua origem em um aldeamento dos índios Xucurus. Estes, junto com os índios Cariris, ali se estabeleceram em meados do século XVII, entre o Brejo da Cafurna e a Serra da Boa Vista, tangidos pela perseguição dos colonizadores.

Diz a tradição que, no local onde hoje está situada a cidade, era comum a existência de palmeiras e, por isso, lhe foi dado o topônimo de Palmeira dos Índios, caracterizando seu nome, no Modelo Teórico Taxionômico Toponímico apresentado por Dick (1990), como um fitotopônimo – nome de lugar alusivo à vegetação local. Entretanto, existe também uma lenda a respeito da origem de seu signo toponímico. Trata-se de uma narrativa epopeica sobre o romance proibido do casal de índios *Tilixi* e *Tixiliá*.

Conta-se que *Tixiliá* estava prometida ao cacique *Etafé*, mas era apaixonada pelo primo *Tixili*. Um beijo proibido condenou *Tixili* à morte por inanição. Ao visitar o amado, *Tixiliá* foi atingida por uma flecha mortal de *Etafé*, falecendo ao lado de seu amado primo. No lugar, como um verdadeiro marco do trágico episódio, nasceu uma

¹ As entrevistas orais, *in loco*, foram realizadas pelos alunos-pesquisadores, graduando em Letras, campus III - UNEAL, Max Rocha e Marcos Apolinário, sob nossa orientação.

palmeira, que passou a simbolizar o intenso amor do jovem casal indígena. A partir de então, o lugar ficou conhecido pelo topônimo de Palmeira dos Índios.

Atualmente, a cidade ocupa terras que um dia foi a Aldeia dos Índios Xucurus. Sua freguesia foi criada em 1798 e elevada à condição de Vila em 1835. Na década de 1840, uma disputa política brutal entre famílias, causando dezenas de assassinatos, provocou o êxodo que praticamente esvaziou a vila. Anexada então a Anadia, Palmeira dos Índios só recuperou a autonomia política-administrativa anos mais tarde.

Em 1889, a vila foi elevada à categoria de cidade. Entre 1928 e 1930, a prefeitura foi ocupada pelo escritor Graciliano Ramos (nascido na cidade de Quebrangulo/AL), que incluiu fatos do cotidiano da cidade em seu primeiro romance, *Caetés* (1933). Palmeira dos Índios está distante 133 km da capital do estado, Maceió. É constituída, segundo o Censo Demográfico 2010 do IBGE, por duas vilas: Caldeirões de Cima e Canafístula, e mais sete povoados. A saber, Bonifácio, Coruripe da Cal, Lagoa do Caldeirão, Lagoa do Canto, Lajes do Caldeirão, Riacho Santo e Santo Antônio.

Diferentemente dos municípios e das vilas que apresentam farta documentação escrita, os povoados, geralmente, não têm registros escritos para explicar sua origem. Assim, as histórias destes nomes se constituem na memória toponímica que são contadas, e passadas de geração a geração, por populares que viveram no nascente povoado ou a partir de conhecimentos intuitivos do falante sobre o lugar. Com efeito, torna-se de suma relevância o registro das narrativas de moradores antigos que contam a origem e as motivações dos topônimos dos aglomerados rurais, permitindo a (re)construção das histórias linguo-culturais da toponímia local que muitos desconhecem seu sentido primeiro.

A área da Onomástica-Toponímia pode contribuir para a recuperação e o registro destas histórias populares que narram o surgimento, a mudança ou permanência dos nomes de povoados alagoanos. Nas palavras de Dorion (1984, p.103), a toponímia se situa “em uma dupla dimensão: a do espaço (denominada também ‘função toponímica’) e a do tempo (a ‘memória toponímica’)”. O presente artigo se inclui na segunda dimensão.

Conforme o IBGE (2015), o povoado apresenta a característica definidora de Aglomerado Rural Isolado e possui pelo menos 1 (um) estabelecimento comercial de bens de consumo frequente e dois dos seguintes serviços ou equipamentos: 1 (um)

estabelecimento de ensino fundamental em funcionamento regular, 1 (um) posto de saúde com atendimento regular e 1 (um) templo religioso de qualquer credo. Ademais, corresponde a um aglomerado sem caráter privado ou empresarial ou que não está vinculado a um único proprietário do solo, cujos moradores exercem atividades econômicas quer primárias, terciárias ou, mesmo secundárias, na própria localidade ou fora dela.

Cumprir frisar que o foco deste artigo não são os povoados em si mesmos, mas a estrutura sênica toponímica, os possíveis sentidos atribuídos a seus nomes próprios e suas possíveis motivações constitutivos de uma memória toponímica.

Nesse sentido, o estudo destes designativos e suas marcas implícitas e explícitas pode revelar como os falantes se valem da língua em sua multimodalidade para representar o mundo a sua volta, desvendando sistemas de crenças e valores inerentes ao léxico toponímico usado em Alagoas, podendo retratar, pelo menos em parte, a história línguocultural da constituição lexical da Língua Portuguesa no país, em particular na região nordeste do Brasil. Estas características regionais possibilitam que um dado núcleo de povoamento tenha uma identidade, sendo este ambiente identitário uma realidade construída ao longo do tempo pela comunidade que ali se formou e impressa em seus topônimos.

2 Referencial teórico

A Onomástica (do grego antigo *ὀνομαστική*, ato de nomear, dar nome) é uma ciência que integra a Linguística, mais particularmente as pesquisas lexicais, caracterizando-se pelo estudo dos nomes próprios em geral e possui duas subáreas de investigação: a Toponímia e a Antroponímia. Esta tem como objeto de estudo o nome próprio de pessoas (antropônimo) e aquela tem como objeto de estudo o nome próprio de lugar (topônimo).

A pesquisa toponímica compreende ao “estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p.18). Essa área de investigação se desenvolve em uma linha documental e/ou de campo, seguindo o método onomasiológico, em que o dado selecionado é observado, registrado, classificado, analisado e interpretado de acordo com a identificação dos fatores determinantes à configuração do *corpus*. Segundo Tavares e Isquierdo:

Na dimensão linguística, o estudo dos topônimos – nomes de lugares – pode ser realizado sob diferentes perspectivas: análise de estratos linguísticos evidenciados pelos designativos, classificação taxionômica dos nomes e análise de taxes predominantes, discussão da motivação semântica dos nomes, estudo diacrônico referente às mudanças de nomes, análise da estrutura morfológica dos topônimos (2006, p.3).

Os atuais estudos da Onomástica-toponímica no Brasil vêm propondo resgatar a história social contida nos nomes de uma determinada região, “partindo da etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão” (CARVALHINHOS, 2002/2003, p.172). Segue-se, neste artigo, esse percurso nas análises dos dados aqui apresentados.

Toponímia e Onomástica se encontram em uma relação de inclusão, de complementaridade. Assim, é lícito considerar a Toponímia “como um complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (DICK, 1990, p.35-36). Constituindo-se em uma área dinâmica e de caráter multi, trans e interdisciplinar.

O topônimo, em sua bipartimentação motivacional física e antropocultural, consiste no signo linguístico em função onomástica toponímica designativa de um espaço geográfico e/ou humano, “identificar acidentes geográficos [ou humanos], significando, é, sem dúvida, a primeira qualidade que se infere do signo toponímico” (DICK, 1990, p.365). Com efeito, estudá-lo é compreendê-lo em suas diversas potencialidades, identificando as razões que fazem com que o falante escolha um nome, dentro de um eixo de possibilidades sêmicas para designar um lugar.

O signo toponímico compreende dois termos: o primeiro chamado de elemento genérico que é relativo à entidade geográfica que será denominada, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes; o segundo termo é o elemento específico que se refere ao denominativo, é o topônimo propriamente dito, é o que particulariza a noção espacial. Por exemplo: Lagoa do Canto/AL = Lagoa (elemento genérico) + do Canto (elemento específico).

Para o estudo das motivações toponímicas dos nomes dos povoados de Palmeira dos Índios/AL, adotou-se o modelo teórico apresentado por Dick (1990, com seus desdobramentos práticos nos anos subsequentes), denominado de Sistema Toponímico de Classificação Taxionômica, por entender que se trata de obra basilar a partir da qual foi desencadeada a expansão e consolidação dos estudos toponímicos no Brasil.

Nessa proposta taxionômica, a referida autora agrupa os nomes de lugares a partir de suas motivações, englobando-os em 27 taxes explicativas ou categoremias toponímicas, distribuídos em dois grupos, conforme a natureza motivacional: 11 taxes de natureza física e 16 taxes de natureza antropocultural.

O termo *taxe* corresponde à identificação e classificação genérica dos fatos cósmicos de duas ordens de consequência: a física e a antropocultural, de forma a permitir a aferição objetiva de causas motivadoras dos locativos.

2.1 Sistema Toponímico Taxionômico: taxes de natureza física

No modelo teórico de Dick (1990), as onze taxes de ordem física estão relacionadas ao ambiente natural do lugar a ser nomeado. Doravante, serão apresentadas estas taxes e, quando possível, exemplificadas com nomes de localidades alagoanas.

a) Astrotopônimos: nomes de lugares relativos aos corpos celestes em geral, Estrela de Alagoas/AL; b) Cardinotopônimos: nomes de lugares relativos às posições geográficas em geral, Santa Luzia do Norte/AL; c) Cromotopônimos: nomes de lugares relativos à escala cromática, Mar Vermelho/AL; d) Dimensiotopônimos: nomes de lugares relativos às dimensões dos acidentes geográficos, Campo Grande/AL; e) Fitotopônimos: nomes de lugares relativos à flora, Bananal/AL e f) Geomorfotopônimos: nomes de lugares relativos às formas topográficas, Ponta da Serra /AL.

E, ainda, g) Hidrotopônimos: nomes de lugares relativos a acidentes hidrográficos em geral, Poço da Cacimba /AL; h) Litotopônimos: nomes de lugares relativos aos minerais e à constituição do solo, Ponta de Pedra /AL; i) Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos, Lagoa da Trovoada/AL; j) Morfotopônimos: nomes de lugares relativos às formas geométricas, Volta Redonda/RJ e l) Zootopônimo: nomes de lugares referentes aos animais, Carneiros/AL.

2.2 Sistema Toponímico Taxionômico: taxes de natureza antropocultural

No modelo teórico de Dick (1990), as dezesseis taxes de ordem antropocultural estão ligadas ao homem e sua relação com a sociedade e sua multicultura do lugar a ser nomeado. Doravante, serão apresentadas estas taxes e, quando possível, exemplificadas com nomes de localidades alagoanas.

a) Animotopônimos: nomes de lugares relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, Feliz Deserto/AL; b) Antropotopônimos: nomes de lugares relativos aos nomes individuais, Delmiro Gouveia/AL; c) Axiotopônimos: nomes de lugares relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais, Senador Rui Palmeira/AL; d) Corotopônimos: topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes, Palestina/AL; e) Cronotopônimos: nomes de lugares relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo (a), Brejo Novo/AL; f) Ecotopônimos: nomes de lugares relativos às habitações em geral; Tapera/AL; g) Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material, Canoas/AL; h) e Etnotopônimos: topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas) Palmeira dos Índios/AL.

E mais, i) Dirrematopônimos: nomes de lugares constituídos de frases ou enunciados linguísticos, Pé Leve Velho/AL; j) Hierotopônimos: topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto, Cruzes/AL. Essa categoria subdivide-se em: i.) Hagiotopônimos: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano, São Sebastião/AL. ii) Mitotopônimos: entidades mitológicas, Exu/PE; l) Historiotopônimos: nomes de lugares relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas, Batalha/AL; m) Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural, Pontes/AL; n) Numerotopônimos: nomes de lugares relativos aos adjetivos numerais, Dois Riachos/AL; o) Poliotopônimos: nomes de lugares relativos aos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial, Vila Aparecida/AL; p) Sociotopônimos: nomes de lugares relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos, União dos Palmares/AL; q) Somatopônimos: nomes de lugares relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal, Pescoço/AL.

Com base em tais pressupostos, caracterizou-se os nomes dos povoados da cidade de Palmeira dos Índios/AL, nos quais se estabelecem uma conexão línguocultural entre a localidade e o topônimo atribuído a ela, em que as partes formam um todo representativo, buscando relacioná-los aos atos toponomásticos, especialmente aqueles ligados à toponímia dos aglomerados rurais isolados alagoanos.

3 Análise e discussão dos dados

Nesta secção, apresentar-se-ão as análises qualitativa e quantitativa dos dados que constituíram o *corpus* deste estudo.

Os nomes dos povoados serão apresentados em fichas lexicográfico-toponímicas. Para facilitar a leitura e a compreensão destas fichas, apresentar-se-á a seguir um modelo exemplo, seguido de uma descrição de cada um de seus constituintes.

Modelo adaptado de Dick (2007): fichas lexicográfico-toponímicas

Topônimo: Considera o estudo do nome dos povoados constituintes da cidade de Palmeira dos Índios/AL.

Etimologia: Trata da origem etimológica, das categorias gramaticais e da explicação de seu significado por meio da análise diacrônica dos elementos que as constituem. É o estudo da composição dos vocábulos e das regras de sua evolução histórica. Serão consultadas as obras de Cunha (1986) e Tibiriçá (1984).

Taxionomia: As taxes toponímicas permitem interpretar os nomes dos povoados com maior segurança do ponto de vista semântico, partindo de sua natureza física ou antropocultural. Será seguido o modelo apresentado por Dick (1990 e posteriores).

Estrutura Morfológica: O nome de povoados será dividido em três grupos: elemento específico simples, elemento específico composto e elemento específico híbrido. Nesse item, apresenta-se uma descrição no plano morfológico do topônimo, caracterizando-o em unidades mínimas de significação: morfemas lexicais e gramaticais.

Informações Enciclopédicas: Levantamento da história dos nomes dos povoados na base do IBGE e/ou por outros meios como: decretos, livros e via web. E ainda, a partir de relatos orais

Fonte: Serão creditados às fontes de consultas (informantes, autores, obras e sites), nos quais as pesquisas foram realizadas.

As fichas são necessárias para a interpretação dos designativos das localidades em virtude de conter vários campos conceituais (localização, etimologia, informações lexicais e enciclopédicas, etc.) que fornecem dados relevantes sobre cada nome de povoado da cidade de Palmeira dos Índios/AL.

3.1 Fichas lexicográfico-toponímicas dos nomes dos povoados de Palmeira dos Índios/AL

O vínculo antroponímico entre o linguístico e o cultural pode ser percebido na Toponímia Alagoana quando se identifica antropotopônimos na função onomástica de designar povoados da cidade de Palmeira dos Índios, como no caso (01) apresentado abaixo.

Ficha lexicográfico-toponímica 01: Bonifácio

Taxionomia: Antropotopônimo

Topônimo: Bonifácio

Etimologia: *sm.* Do lat. (1844) *bonificare* ‘bonificação, bonificar’ (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical *bonific-* + morfema derivacional sufixal *-(i)o*

Informações Enciclopédicas: Segundo a tradição, o nome do povoado Bonifácio faz referência a uma cura que marcou toda a comunidade na época. O morador João Inácio da Silva diz que, em um tempo não tão distante, houve uma epidemia chamada popularmente de febre/doença do rato. Esta enfermidade ocasionou uma imensa mortandade infantil na população da comunidade. Para buscar reverter essa triste situação, o padre da região, de nome Abreu, tomou a iniciativa de fazer uma promessa para São Sebastião. Ao passar dos tempos, a doença, de fato, acabou. Então, o padre Abreu fez valer o voto da promessa e determinou que a primeira mulher que desse à luz, e caso a criança fosse do sexo masculino, o menino seria batizado com o nome de Bonifácio ‘bonificação’. Após um tempo, Dona Maria Gonzaga engravidou e deu à luz a um menino, cumpriu a promessa e pôs no filho o nome de Bonifácio. Assim, nomeou o filho e, conseqüentemente, o povoado também.

Fonte: Relato oral

Nesse caso (01), o nome próprio individual atribuído ao povoado Bonifácio faz parte de um vocabulário linguístico-histórico. Nele, podem-se encontrar informações que se inter-relacionam com a toponímia e a história cultural popular da localidade, pois é por meio da língua que dados são fornecidos para que se possam recuperar fatos da realidade sócio-histórico-cultural de um povo. No caso em tela, foi o cumprimento de uma promessa, um fato sociocultural que determinou, por associação antroponímica, a representação da crença religiosa de um povo em seu sistema linguístico, sobretudo em seu acervo lexical.

Estas representações semânticas intencionais estão ligadas às dadas motivações extralinguísticas, formando um todo amalgamado, e revelam traços socioculturais da identidade do povo alagoano mediante as particularidades consubstanciadas no signo toponímico e no conteúdo simbolizado por ele a ser interpretado e/ou compartilhado pela/na comunidade.

Já nos casos seguintes (02) e (03), diferentemente do caso (01), há uma motivação toponímica de natureza física em que o quadro natural do núcleo

habitacional inicial do povoado funciona como fator condicionante. Nesse sentido, registraram-se dois designativos categorizados como litotopônimos ao aludirem aos minerais e à constituição do solo da região na qual está inserido o povoado em questão.

Ficha lexicográfico-toponímica 02: Coruripe da Cal

Taxionomia: Litotopônimo

Topônimo: Coruripe da Cal

Etimologia: *sm.* Do tup. *Cururugy* ‘rio dos sapos’, segundo frei Vicente Salvados (*apud* TIBIRIÇA, 1985), cronista colonial. Já conforme o professor Silveira Bueno (*apud* TIBIRIÇA, 1985), autor do vocabulário tupi-guarani-português, quer dizer *Curu-ry-pe*, rio dos seixos; *sf.* Do lat. XIII vulg. *cals* (*cláss. calx, -cis*) ‘substância branca resultante da calcinação de pedras calcárias, usada nas argamassas’ (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento composto híbrido: morfema lexical *corurip-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-e*; forma dependente *de+a=da*; morfema lexical *cal*

Informações Enciclopédicas: a motivação do nome do povoado Coruripe da Cal está relacionada a dois fatores, a saber: a fabricação da cal, substância branca resultante da calcinação de pedras calcárias e o Rio Coruripe. Elois Moura de Oliveira, morador que nasceu e se criou no povoado, conta que aproximadamente 20 anos atrás, havia vários fornos que serviam para extrair a cal das pedras calcárias existentes na localidade. As pedras eram queimadas, resultando o líquido branco denominado de cal, utilizado na atividade de pintura de casas. Ainda, conforme Elois Moura, a cal era a principal fonte de renda da comunidade. Nesta época, segundo o morador, o povoado “tinha ocupação (trabalho) para todas pessoas do lugar”. A cal também era vendida para várias cidades de Alagoas, como também para outros estados, como Pernambuco. Como o Rio Coruripe corta o povoado, ele também serviu de motivação toponímica para o nome do núcleo do povoamento. Assim, nomeando o povoado pelo topônimo de Coruripe da Cal.

Fonte: Relato oral

Neste caso (02), em termos de sua funcionalidade descritiva, atestou-se a importância do *habitat*, mais precisamente da substância branca resultante da calcinação de pedras calcárias, encontrada, à época, em abundância na região do povoado, denominada de cal.

A categoria toponomástica dos litotopônimos reflete a relação entre o linguístico e o mundo biossocial, quando o nomeador resgata aspectos naturais da região ligados à constituição do solo.

Ficha lexicográfico-toponímica 03: Lajes do Caldeirão

Taxionomia: Litotopônimo

Topônimo: Lajes do Caldeirão

Etimologia: *sf.* XIII De origem controversa *lagea* ‘pedra de superfície plana, lousa’; *sm.* Do lat. XVI *caldārius* ‘alimento líquido à base de água’ (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento específico composto: morfema lexical *laj-* + morfema gramatical aditivo de número *-es*; forma dependente *de+o=do*; morfema lexical *calde-* + morfema derivacional sufixal *-(i)rão*.

Informações Enciclopédicas: A nomenclatura do presente povoado tem sua origem marcada pelas pedras que estão por toda parte da localidade. O morador Expedito Jiló da Silva conta que o principal motivo de se chamar Lajes do Caldeirão é justamente por causa das ditas pedras, as quais todos daquela comunidade chamam de lajes. Devido à proximidade com o povoado vizinho, Lagoa do Caldeirão, houve uma unificação das nomenclaturas. Segundo o senhor Expedito, quando as pessoas chegavam questionando sobre a comunidade vizinha, os moradores respondiam: “o caldeirão é aqui, mas a laje é mais na frente uma légua”. Desse modo, aconteceu, naturalmente, a unificação de ambos os nomes. Portanto, há o povoado Lajes do Caldeirão devido às pedras/lajes que estão por toda parte, como também ao sobrenome da localidade vizinha, dando origem ao povoado Lajes do Caldeirão.

Fonte: Relato oral

É importante considerar, nos casos (02) e (03), o relevante papel das características ambientais do território alagoano como fonte motivadora na escolha lexical no processo de nomear aglomerados rurais isolados.

Esses nomes se revestem de função onomástica e passam de signo linguístico a toponímico, designando um acidente humano. Em outras palavras, eles passam do significado lexical para o significado onomástico, marcado pelas relações identitárias da região. É, assim, trazendo para sociedade, sobretudo a local, um conhecimento linguístico-histórico-sociológico sobre a origem dos povoados em tela.

Essa via de reflexão permite dizer, também que os signos toponímicos são (re)semantizados e (re)adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomear; dessa forma, o denominador resgata aspectos naturais da constituição mineral do solo de Palmeira dos Índios/AL como fator influenciador para sua seleção lexical.

Nos casos (02) e (03), pode-se considerar que os nomes dos povoados Coruripe da Cal e Lajes do Caldeirão, enquanto litotopônimos, são signos toponímicos transparentes, representando uma projeção aproximativa do mundo real.

É nessa acepção que se pode afirmar que o signo toponímico se contrapõe ao signo linguístico pela sua motivação. Porém, não há uma relação direta entre

linguagem e mundo, e sim um trabalho social designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo situadamente.

No âmbito dos fitotopônimos, aqui registrado pelo caso seguinte (04), percebe-se que o denominador resgata aspectos da flora da região a ser nomeada, confirmando a importância da vegetação na vida do homem local.

Ficha lexicográfico-toponímica 04: Lagoa do Caldeirão

Taxionomia: Fitotopônimo

Topônimo: Lagoa do Caldeirão

Etimologia: *sm.* Do lat. XIII *lacuna, de lăcus* ‘porção de água circundada por terras’ + *sm.* Do lat. XVI *caldārius* ‘alimento líquido à base de água’ (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento específico composto: morfema lexical *lag-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*; forma dependente *de+o=do*; morfema lexical *cald-* + vogal de ligação *-e-* + morfema derivacional *-(i)rão*

Informações Enciclopédicas: A explicação deste topônimo advém da história de um homem chamado José Camilo Pereira da Fonseca, mais conhecido como seu Cazuzá. Ele era um vendedor de cachaça de engenho e rapadura. Conforme o relato de Ataíde, bisneto de Cazuzá, seu bisavô vinha com burros carregados, desde a região de Boca da Mata para Palmeira dos Índios. Ao chegar ao lugar, hoje conhecido como povoado Lagoa do Caldeirão, Cazuzá achou que ali era uma boa região para se estabelecer, pois acabara de ficar viúvo e com oito filhos para criar. Juntamente com ele, também vinha a sua irmã, Josefa Barbosa da Silva, conhecida como dona Sinha; esta, por sua vez, trazia dez filhos consigo. Nesta região, existia uma lagoa, que até hoje pode ser notada no povoado, e nesta mesma lagoa existia uns pés de caldeiro, que é um tipo de vaso para se retirar água. Quando os animais estavam com sede, Cazuzá dizia aos seus filhos e sobrinhos: “vão dar água aos animais naquela lagoa que tem uns pés de caldeirão”. A partir disso, virou um costume chamar aquele local de lagoa do caldeirão, nome este que perdura até os dias de hoje. Os filhos de seu Cazuzá e de dona Sinha casaram-se entre si, e a partir daí se originou o povoado que conhecemos hoje.

Fonte: Relato oral

Neste caso (04), a motivação toponímica é a vegetação local. Daí a caracterização do nome do povoado Lagoa do Caldeirão na taxa dos fitotopônimos. Como afirmam os relatos dos moradores mais antigos, nesta região existia uma lagoa, que até hoje pode ser notada no povoado. Nesta mesma lagoa, existiam uns pés de planta chamados de caldeiro, que é um tipo de vegetação em forma de vaso para se retirar água.

Provavelmente, seria um tipo de mandacaru, também denominado de caldeiro; é uma planta da família das cactáceas, muito comum no nordeste brasileiro, que, na fala do povo, pelo processo de alteração fonética, metaplasmo chamado de *Lambdacismo* - a permuta do fonema vibrante /r/ por // - é chamado de

caldeiro no vernáculo popular. O *Lambdacismo* também ocorre também em palavras como: almoço > armoço, garfo > galfo, entre outras.

Já no caso seguinte (05), há a categoria toponomástica dos zootopônimos, representando as características zootoponímicas da diversidade da fauna local: no caso em tela, a variedade de pássaros e seus cantos, deixando marcas linguísticas na toponímia do povoado.

Ficha lexicográfico-toponímica 05: Lagoa do Canto

Taxionomia: Zootopônimo

Topônimo: Lagoa do Canto

Etimologia: *sm.* Do lat. XIII *lacuna*, de *lācus* ‘porção de água circundada por terras’ + *sm.* Do lat. XIII de *cantus*, *ūs*, ‘som musical produzido pela voz do homem ou de outro animal’. (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento específico composto: morfema lexical *lago-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-a*; forma dependente *de+o=do*; morfema lexical *cant-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-o*.

Informações Enciclopédicas: O relato oral de dona Aurelina Fernandes de Souza, de noventa e dois anos, moradora que nasceu na comunidade, relata que no povoado sempre houve uma lagoa, e nesta se encontravam vários pés de árvores denominadas de braúnas, formando uma mata enorme. As aves da região costumavam dormir naquelas braúnas e começavam a cantar de madrugada. Por causa desta cantoria, os primeiros moradores colocaram o nome de Lagoa do Cântico devido ao cantar das aves. Como as pessoas não conseguiam pronunciar o nome cântico, foram pronunciando Lagoa do Canto, a qual se conhece até esta data.

Fonte: Relato oral

No processo de ocupação humana, aspectos naturais como flora e fauna se revelam meios importantes na observação dos estudos das motivações toponímicas, dado o seu caráter referencial, na medida em que retratam o meio ambiente, podendo influenciar e/ou condicionar, muitas vezes, o ato de nomeação espontânea como foi demonstrado nos casos (04) e (05) analisados neste estudo.

Já quanto aos aspectos antropoculturais, destaca-se que a religiosidade e a fé do povo nordestino são algo marcantes, podendo serem observadas, dentre outras formas, no léxico toponímico dos nomes de povoados. Os casos (06) e (07) a seguir, são registros de topônimos relativos à crença religiosa materializada no signo linguístico em função onomástica.

Melo (2013, p.64) explica que, na nomeação de lugares como hagiopônimos, ocorreu “o processo de deslocamento de topônimos portugueses para nomear municípios alagoanos denominados anteriormente com nomes

índigenas dos primitivos habitantes”. Isso indica uma sobreposição toponímica, em que se impõe um dado nome em detrimento de outro primitivo.

Ficha lexicográfico-toponímica 06: Riacho Santo

Taxionomia: Hagiotopônimo

Topônimo: Riacho Santo

Etimologia: *sm.* Do cast. XVI *riacho* ‘curso de água natural; adj. Do lat. XIII *sanctus*, -a, -um ‘sagrado, ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’. (CUNHA, 1986)

Estrutura Morfológica: elemento composto híbrido: morfema lexical *riach-* + morfema gramatical classificatório vogal temática -o; morfema lexical *sant-* + morfema gramatical classificatório vogal temática -o.

Informações Enciclopédicas: primitivamente, o povoado era chamado de Riacho Fundo de Cima por causa do riacho que passa na localidade e de sua profundidade. Segundo a história popular, o que ocasionou a mudança foi a passagem de Frei Damião pelo povoado. O líder religioso abençoou o local e modificou para Riacho Santo, abençoando, de fato, aquela região que estava muito violenta em determinada época. No dizer de Maria de Lourdes, moradora antiga do povoado, foi uma bênção o Frei ter mudado o nome, pois antes só se viam confusões, roubos, etc., e depois dessa mudança tudo mudou para melhor. Conforme relata a moradora, o nome do povoado é a relação entre o riacho que corta a comunidade e a bênção de Frei Damião, santificando a comunidade.

Fonte: Relato oral

No caso (06), ocorre uma mudança por substituição espontânea, resultante do uso popular de um dimensiotopônimo: Povoado Riacho Fundo, de motivação de ordem física, para um hagiotopônimo: Riacho Santo, na designação do aglomerado rural em tela.

Com efeito, evidencia-se a materialização do discurso religioso por meio da presença desse topônimo alusivo ao sagrado, àquele que vive segundo os preceitos religiosos, à lei divina. Isso pode justificar, sobretudo, a tradição religiosa do povo nordestino, representada numa relação simbólica no léxico toponímico ligadas às características e especificidades do processo histórico de formação do estado de Alagoas.

Ficha lexicográfico-toponímica 07: Santo Antonio

Taxionomia: Hagiotopônimo

Topônimo: Santo Antônio

Etimologia: *adj.* Do lat. XIII *sanctus*, *-a*, *-um* ‘sagrado, ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’. (CUNHA, 1986); *sm.* Do lat. *antonius*, que por sua vez origina-se do gr. *antónios*, ‘valioso, inestimável, digno de apreço’. Há estudos, ainda, que sugerem que o nome Antônio tenha vindo do grego *antheos*, que quer dizer ‘alimentado de flores’ (*Dicionário de nomes próprios*, 2016).

Estrutura Morfológica: elemento composto híbrido: morfema lexical *sant-* + morfema gramatical classificatório vogal temática *-o*; morfema lexical *anton-* + morfema gramatical flexional aditivo de gênero *-(i)o*

Informações Enciclopédicas: o núcleo de povoamento inicial era denominado de sítio ou povoado Gavião. Segundo alguns depoimentos de populares, na região havia muitos gaviões, pássaros típicos do Nordeste. Daí a motivação dos primeiros moradores, como Alfredo Caetano, João Messias, Ludugério Amâncio, além de outros, nomearam aquela localidade de povoado de Gavião. Ao passar do tempo, surge um novo nome, agora povoado Santo Antônio, o qual permanece até os dias atuais. De acordo com Verônica, este novo nome surgiu, porque o Bispo Dom Otávio Aguiar não gostava do nome Gavião. Então, como o Santo Antônio já era o padroeiro e as pessoas eram devotas do Santo, o Bispo sugeriu a troca do nome Gavião por Santo Antônio. Os moradores, por sua vez, aceitaram de imediato e solicitaram junto ao prefeito da cidade a troca dos nomes. Desse modo, temos hoje o conhecido povoado Santo Antônio.

Fonte: Relato oral

Neste caso (07), diferentemente do caso (06), ocorreu uma mudança por substituição sistemática de um zootopônimo, Povoado Gavião, para um hagiotopônimo, Povoado Santo Antônio, na designação do aglomerado rural, fruto da sugestão da autoridade religiosa e acatada pela comunidade. No caso em tela, segundo relato de moradores, este novo nome surgiu, porque o Bispo Dom Otávio Aguiar não simpatizava com o antigo nome Gavião. Então, sugeriu o topônimo Santo Antônio, nome do padroeiro da localidade.

Em termos de sua funcionalidade narrativa, esse fato toponomástico sinaliza, mais uma vez, para a inter-relação línguo-cultural na configuração semântica dos nomes de referências religiosas, em cujas análises transpareceram aspectos da fé do alagoano correlacionados ao grupo humano da região na qual está inserido o núcleo do povoamento.

Além disso, outra questão que se coloca, quanto ao registro dos hagiotopônimos (06) e (07), é o fato de que, pelo menos em nível toponímico, embora se viva em um Estado Laico e os cultos religiosos de matriz africana e/ou outros cultos autóctones estejam presentes em nossa herança cultural, não se

registraram topônimos que fazem referências às manifestações religiosas africanas ou afro-brasileiras, como também às religiões autóctones indígenas.

Sendo assim, destaca-se a total hegemonia da religião católica, da crença do colonizador europeu, na representação simbólica de nomes de lugares alusivos à fé, à proteção divina. Mormente, essa imposição é representada pelo topônimo do dominador usado em função de índices de pertencimento de um dado grupo social, estabelecendo configurações ideológicas e pragmáticas de organização social e espacial, apontando tendências de intencionalidade² do nomeador.

3.2 Análise quantitativa

Tabela 1 - Incidência de topônimos por taxionomia na toponímia de povoados de Palmeira dos Índios/AL

Topônimo	Taxionomia	Quant.	Percentual
Bonifácio	Antropotopônimo	01	14,28%
Santo Antonio Riacho Santo	Hagiotopônimo	02	28,58%
Coruripe da Cal Lajes do Caldeirão	Litotopônimo	02	28,58%
Lagoa do Canto	Zootopônimo	01	14,28%
Lagoa do Caldeirão	Fitotopônimo	01	14,28%
Total	>>>>>>	07	100%

A partir da tabela 1, aponta-se que foram registrados 5 (cinco) categorias toponomásticas no léxico toponímico dos povoados do município de Palmeira dos Índios/AL, enquadradas nas seguintes taxes: Antropotopônimo, Hagiotopônimo, Litotopônimo, Zootopônimo e Fitotopônimo.

De acordo com os dados, pode-se indicar que as motivações mais recorrentes, portanto de maior produtividade lexical, para a escolha dos nomes dos povoados foram as de aspectos de natureza física, dentro deste grupo a constituição mineral do solo da região (representada no léxico pelos litotopônimos) e aspectos de natureza antropocultural, a religiosidade (representada no léxico pelos hagiotopônimos) do aglomerado rural a ser nomeado.

² Compreende-se **intencionalidade**, em sentido amplo, como um projeto de uma intenção (consciente ou não), em contextos específicos para objetivos específicos, i. e., todas as estratégias e/ou maneiras como o nomeador utiliza os topônimos para realizar seus objetivos comunicativos.

No que diz respeito às estruturas mórficas dos nomes, observou-se a pouca produtividade lexical de topônimos simples. Na verdade, houve apenas 1 (um) registro desse tipo de estrutura morfossintática: Povoado Bonifácio, diferentemente da produtividade dos compostos com 6 (seis) casos registrados, conforme a Tabela 1.

Faz-se necessário observar que, nos sintagmas toponímicos, o segundo elemento linguístico (o topônimo propriamente dito) exerce uma função restritiva, por exemplo: Lagoa do Canto, do Caldeirão, Riacho Santo, podendo ligar-se ao primeiro elemento de forma mediata ou imediata, ou seja, com ou sem o auxílio de conectivo. Nesses casos, o processo de adjetivação é um recurso linguístico importante nesses sintagmas toponímicos, pois há um acréscimo semântico na significação básica do elemento nuclear.

Quanto à origem, registraram-se elementos compostos híbridos de diferentes etimologias, provavelmente em razão dos contatos interlinguísticos ocorridos durante o processo de formação da língua, a saber: étimos latinos, gregos, castelhanos e tupi.

Considerações finais

Após as análises, pode-se afirmar que a história dos povoados da cidade de Palmeira dos Índios/AL não apresenta documentação escrita suficiente para o estudo da origem de seus topônimos e suas motivações. Sendo assim, essas informações são, geralmente, recuperadas por meio da tradição oral presentes em uma memória toponímica.

Ao se analisarem os signos toponímicos, deve-se atentar ao fato de que alguns deles são facilmente compreensíveis, porque o semanticismo que sugerem ainda não se cristalizou; outros apresentam dificuldade dupla, seja quanto à origem etimológica da palavra ou quanto aos significados intrínsecos. Assim, depende da recuperação de elementos do discurso que são constitutivos do sentido, tais como o contexto sócio-histórico no qual o topônimo está inserido.

Quanto às escolhas lexicais dos aglomerados rurais estudados, atestou-se que a permanência e/ou a mudança do topônimo são resultados de uma representação intencional, na qual um sujeito-nomeador procura impor, na atividade

linguística, uma demarcação de domínio, de posse, de identidade consubstanciada no signo toponímico a ser interpretado e compartilhado pela/na comunidade. Nesse sentido, o nome do povoado se revela uma (re)criação, com suas (re)significações que carrega algo da alma do nomeador local, sendo então diferente de qualquer outro signo linguístico usado no léxico geral desses grupos sociais.

No âmbito das mudanças toponímicas, identificaram-se casos de mudanças por substituições espontâneas, resultantes do uso popular, dados por eliminação do nome antigo por outro nome novo, como, por exemplo, o Povoado Riacho Fundo para Povoado Riacho Santo. Houve, também, casos de mudança sistemática; neste caso, a relação de substituição de um nome primitivo para um novo topônimo não é de simples substituição, mas fruto da imposição de autoridades ou de sugestão acatada pelas autoridades, como, por exemplo, Povoado Gavião para Povoado Santo Antônio. Em ambos os casos, o centro de força para a mudança foi a Igreja. Entende-se que essa característica ainda é remanescente da tradição de devoção aos santos enraizada nos povoados alagoanos à época dos nascentes núcleos habitacionais.

É interessante apontar que a relação entre a intencionalidade do nomeador e a interpretação da comunidade não é estabelecida naturalmente, mas apenas mediada pelo signo toponímico tal como ela o percebe, inserido em um dado contexto situacional, dentro da cultural em que vivem.

Quanto às motivações, detectou-se que os nomes aqui estudados são decorrentes não de um único determinante, mas da convergência de fatores linguísticos e extralinguísticos, formando um todo amalgamado como estrutura composicional do signo toponímico. Com efeito, eles apresentaram sempre uma motivação de natureza física ou antropocultural, dentro de um processo paradigmático e sintagmático de possibilidades, ao selecionar uma delas, a que mais respondesse às suas necessidades momentâneas de opção; ou seja, a motivação envolve uma complexa interação das condições do homem e do ambiente total em que se encontra.

Seguindo essa linha de pensamento, nota-se que o denominador, ao escolher um determinado nome de povoado em Alagoas, num processo seletivo, não o faz aleatoriamente, sem que este topônimo, de certa forma, não tenha para ele um significado, uma importância e que reflita aspectos peculiares do lugar: físicos, históricos, políticos, culturais.

Por fim, pode-se apontar que, semanticamente, os topônimos nomearam os povoados de duas maneiras: i) de forma descritiva – a partir de suas características objetivas mais relevantes, por exemplo: Coruripe da Cal, Lagoa do Caldeirão ou ii) de forma metafórica, ou seja, de modo subjetivo por associação, por exemplo, aspectos atribuídos ao lugar pelo nomeador: Riacho Santo, Bonifácio.

Referências

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 31 de mar. de 2015.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). *Revista USP*, São Paulo, n.56, p. 172-179, dez./fev. 2002-2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DICIONÁRIO de nomes próprios: significado dos nomes. Disponível em <<http://www.dicionariodenomespropios.com.br/antonio>>. Acesso em: 20 de jan. 2015

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. Atlas toponímico do Mato Grosso do Sul. *Revista Trama*, v. 3, n. 5, p.141-155, 2007.

DORION, Henri. Les relations entre la toponymie et les autres sciences sociales. In: *450 ans de noms de lieux française en Amérique du Nord*. Qué-bec: Les Publications du Québec, 1984, p. 103-108.

MELO. P. A. G. de. Hagiotoponímicos: a presença religiosa no léxico toponímico municipal alagoano. *Revista Letrando*, v. 3, p. 60-75, jul./dez. 2013.

_____. Educação e Linguagem: uma interlocução possível entre o léxico toponímico e o dicionário escolar enciclopédico. *Revext: Revista de extensão da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)*, v. 01, n. 01, Arapiraca: Eduneal, 2015, 39-52 p.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponímia em Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.

TAVARES, Marineide Cassuci; ISQUERDO, Aparecida Negri. A Questão da Estrutura Morfológica dos Topônimos: Um Estudo na Toponímia Sul-Mato-Grossense. *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 9/2, p. 273-288, dez. 2006.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi*: significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço, 1985.